

Garcia de Orta, Camões e as Plantas

A nossa espécie utiliza plantas praticamente desde que apareceu na Terra. Aliás, os mais primitivos antepassados humanos eram herbívoros, depois colectores e caçadores e, após a domesticação de animais e plantas, agricultores e pastores. Além das plantas comestíveis que sempre utilizámos, conhecem-se referências sobre plantas medicinais há mais de cinco mil anos, como são os documentados sistemas médicos chineses e o “ayurvédico” indiano. Antes da fabricação dos medicamentos pela indústria farmacêutica, que não tem mais do que século e meio, as enfermidades eram tratadas directamente com “mesinhas” das plantas ou dos animais.

O tratado *De materia medica* (64 d.C.) de Pedânio Dioscórides (40-90 d.C.), célebre físico (médico) grego, considerada uma das obras mais antigas sobre plantas, onde se descrevem os atributos (cerca de mil) de cerca de 600 espécies de plantas, foi o “guia” da “medicina” durante mais de 16 séculos. Aliás, a maioria dos nomes das plantas nesta obra, eram já os utilizados por Hipócrates de Cós (cerca de 460-370 a.C.) no seu catálogo *De herbis* com mais de 230 nomes de plantas, mais tarde descritas por Cratevas (120-60 a.C.) em *Rhizotomicon*, assim como por Teofrasto de Eressos (371-286 a.C.) na sua obra *Historia plantarum* (c. 314 a.C.).

Garcia de Orta não só estudou experimental e cientificamente as plantas e respectivas qualidades terapêuticas ou nutricionais, como, também, demonstrou a falsidade de muitas das fabulações correntes na época, mas que ninguém tinha a ousadia de contestar [“*Não me ponhais medo com Dioscórides, nem Galeno; porque não ey de dizer senão a verdade e o que sey,*” (I, Col. 9º: 105); “*...não diguo mal dos Gregos, por serem inventores das boas letras, como dizeis; mas também sam inventores de muytas mentiras.*” (II, Col. 54º: 333)].

Na Índia, Camões respira e apercebe-se desta nova mentalidade e utilizou, no seu poema épico, muitos dos conhecimentos que adquiriu durante o convívio frequente com a actividade fitoterápica exercida por Garcia de Orta. Por isso, o poema tem como base plantas asiáticas, particularmente especiarias e medicinais, com exceção no episódio da “Ilha dos Amores” (Canto IX, 18-95; X, 1-143) e no de Inês de Castro (Canto III, 118-135).

Jorge Paiva, Biólogo (Botânico) e doutorado em Biologia, foi investigador principal e docente na Universidade de Coimbra, pertencendo, após a aposentação, ao grupo de investigadores do Centre for Functional Ecology - Science for People & the Planet. University of Coimbra.

Foto